

PERCURSOS E ENCONTROS NO CENTRO DO MUNDO

Maria Assunção Folque e Isabel Bezelga
Departamento de Pedagogia e Educação,
Escola de Ciências Sociais da Universidade de Évora

Este catálogo regista um inesperado diálogo entre crianças de 4 e 5 anos, azulejos do século XVIII pertença do edifício que nasce no século XVI e os seus habitantes diários na Universidade de Évora em pleno séc. XXI.

Ao entrarmos numa manhã de sol no átrio do Jardim Infantil Nossa Senhora da Piedade deparámo-nos com os belíssimos painéis do Centro do Mundo, recriados pelas crianças, trabalho inserido no projeto educativo integrador “Patrimónios” (ver entrevista na página 19). Foi como se de um reflexo em espelho se tratasse e os painéis AR, TERRA, FOGO E ÁGUA nos fossem devolvidos mediados pela expressão das crianças. Também foi imediata a consciência de que o que ali encontrámos teria que ser levado de novo para os corredores da Universidade.

E assim foi! Feita a proposta à coordenação do Jardim Infantil, esta compreendeu de imediato a sua importância, uma vez que o património azulejar do Colégio do Espírito Santo é, por si só, um património ímpar da cidade, que importa conhecer e valorizar. Por ocasião do dia da Escola de Ciências Sociais foi então inaugurada a exposição Traços de AR, TERRA, ÁGUA e FOGO, na perspetiva de crianças. Tendo sido instalada no corredor da biblioteca e no próprio Centro do Mundo, cada painel dos 4 elementos feito pelas crianças foi posicionado frente a frente com o seu correspondente azulejar, num diálogo aberto e franco, gerador de novas ressignificações.

Ainda nesse dia, 14 de março, as crianças, autoras das obras expostas, visitaram com as suas educadoras a exposição, enchendo os corredores silenciosos da Universidade de entusiasmos e burburinhos, na exaltante redescoberta de um processo por elas vivido. Ao longo das duas semanas seguintes, professores/as, estudantes, turistas e familiares, estimulados pelos olhares das crianças detiveram-se neste espaço do Centro do Mundo, encantando-se de novo com os painéis pelos quais passavam já distraidamente nos seus quotidianos.

A formação de educadores de infância na UniverCidade de Évora

O projeto de que esta exposição e catálogo dão conta é também uma evidência de que existe uma cultura de formação e uma cultura pedagógica partilhada pelas instituições educativas cooperantes da Universidade de Évora que, diariamente, envolvem numa vivência plena as crianças como cidadãs de Évora e do mundo.

Enquanto docentes da Universidade de Évora e, especificamente na formação de educadores de infância e professores do 1.º ciclo do ensino básico, desenvolvemos o nosso trabalho em parceria com dezenas de instituições de educação de infância e de ensino básico bem como com diversos equipamentos sociais e culturais da cidade de Évora e de outras cidades, há mais de vinte anos. Nesta formação procuramos que os profissionais educadores se assumam como mediadores culturais e agentes cívicos atentos. Procurando assim, colocar o enfoque da formação numa ampla formação cultural e na ética do cuidado e da intervenção cívica de modo a que o possam fazer depois com as crianças com quem vão trabalhar, por via de um isomorfismo pedagógico (Niza, 2009; Folque, Leal-da-Costa & Artur, 2016). Estas

dimensões estão bem plasmadas no processo artístico e cívico que estas crianças viveram e que aqui se apresenta.

Este entendimento da identidade profissional dos educadores/professores de crianças pequenas leva-nos a tomar consciência que, na sua formação, é determinante que os estudantes, futuros educadores, experimentem uma vivência do espaço público muito para além das salas de aulas e das bibliotecas; por isso, denominamos o espaço de formação como a UniverCidade de Évora. É neste espaço amplo que se dá o ‘espanto’, que emergem os questionamentos e as perplexidades e que se iniciam trabalhos de projeto.

Com Bruner (1996) entendemos que a aprendizagem se desenvolve por projetos de produção de obras culturais, de pesquisa artística, científica e de intervenção social. O trabalho por projetos convoca o conhecimento científico, a sensibilidade e o pensamento para a problematização, compreensão e resolução de problemas. Esta estrutura de projeto transforma os profissionais e as crianças /alunos de meros consumidores culturais em produtores de cultura, assumindo-se, as crianças e os adultos, como autores (Peças, 2006).

Pedagogia do olhar: por um olhar sensível

Não obstante tratar-se de uma generalização, pode afirmar-se que a “escola”, enquanto instituição que regula processos de aprendizagem, ainda está longe de ser a “escola sonhada”.

A escola não tem ainda o seu foco na preparação de crianças e jovens autónomos e, por isso, não se incumbe da tarefa primeira: o aprender a ver, ou seja – o ser capaz de observar e de interpretar de forma sensível o mundo.

É por isso que se reveste da maior importância dar visibilidade a boas práticas, a uma experiência bem sucedida como esta, que ocorre na cidade de Évora e com repercussões no exterior do contexto em que foi produzida, para que alimente a reflexão em torno das problemáticas contemporâneas que não se esgotam apenas no seio das Ciências Sociais e das Artes mas interessam a toda a academia.

Os educadores, que quotidianamente exercem as suas funções educacionais nos centros de educação pré-escolar e jardim de infância como o Jardim Infantil N.ª Sr.ª da Piedade, sabem que têm um papel deveras importante na definição de um programa de ação intencional votada ao exercício de sensibilização e de emancipação do olhar das crianças.

Estas experiências articuladas e significativas alimentam a criatividade e promovem o desenvolvimento de um olhar crítico e contemplativo.

O projeto no seu todo, incluindo o momento de partilha e exposição pública dos seus resultados, foi uma importante fonte para o conhecimento do mundo – visto que a leitura do mundo precede a leitura da palavra (Freire, 1988).

Sem dúvida, o projeto desenvolvido com estas crianças/ autoras possibilitou o envolvimento precoce em práticas de experimentação e criação artística assim como o reconhecimento das suas múltiplas linguagens.

Através do desenvolvimento de processos de experimentação e descoberta, similares aos decorrentes da criação artística contemporânea, numa modalidade de

cocriação reflexiva, as crianças terão explorado as bases necessárias à permanente negociação entre todos os participantes, num projeto (Bezelga, 2017).

A pedagogia do olhar instiga uma ação reflexiva própria, pessoal e poética, relativa às descobertas e experiências significativas de produção de sentidos, em que a experiência implicada do corpo se torna insubstituível no processo de criação de imagens. A intuição, experiência e subjetividade são factores presentes no desenvolvimento da apreciação estética. E são as intersubjetividades que decorrem da imersão afectiva e relacional de ordem estética que permitem o desenvolvimento do eu sensível (Rancière, 2005).

A estetização crescente da pedagogia – que se alicerça num novo paradigma – “educational turn” (O’Neill & Wilson, 2010) – é a resposta a uma exigência contemporânea complexa que necessita a mobilização de conhecimentos e abordagens metodológicas transversais. Circulando em torno e por entre poéticas híbridas não prescinde das relações “olhos nos olhos” e num diálogo corpo a corpo.

Habitar e viver a cidade

O que proporcionou a realização de todo este processo? Desde as primeiras saídas (de campo) das crianças, passando pela realização da exposição, até à publicação deste catálogo?

A realização de uma cartografia que, atravessada por múltiplas leituras, permite o eclodir de mil subjectividades. Os contributos dos olhares e significados atribuídos pelas crianças, junto dos profissionais e estudantes de diferentes

áreas, tomando de “assalto” um espaço sacralizado, ajuda a uma nova concepção de Espaço público:

1 – deixa-se afectar e afecta através da potência que inusitados encontros promovem na ressignificação e novos usos do espaço;

2 – possibilita desenvolver relações dialógicas nos que experimentaram/

desenharam no espaço do Colégio do Espírito Santo, percursos e discursos entre/de/para o Centro do Mundo.

A experiência de elaboração de mapeamentos críticos permite desenvolver novas cartografias (Delleuze & Guattari, 1995; Kastrup, 2005) habitando o território com disponibilidade afectiva para o sonho e o desejo. Quem sabe assim se promovem novas redes e ampliam possibilidades/acessibilidades.

O projeto desenvolvido pelas crianças e pelas educadoras que aqui se apresenta vem precisamente realçar a dimensão pública deste processo de aprendizagem, verdadeiramente inserido na vida da cidade. Esta abordagem resgata as crianças

dos simulacros de vida que se insiste em querer fazer nos jardins de infância e nas escolas. As crianças, em diálogo autêntico com membros da comunidade (ex: a polícia judiciária) e com os seus problemas (danificação do património

azulejar) envolvem-se num processo de conhecimento e de descoberta dos azulejos da cidade de Évora onde encontram o conhecimento integrado e inteiro – descobrindo padrões, conhecendo figuras históricas, religiosas e mitológicas, visitando monumentos e acontecimentos da história da cidade e, no Centro do Mundo, conhecendo os 4 elementos naturais, constituintes primeiros da nossa natureza. Para além dos conhecimentos que se ampliam, é na transformação do

modo de estar no mundo, da relação com a cidade, no olhar sensível para o mundo à nossa volta que reside o valor educativo deste projeto.

Por último, podemos referir que todos estes processos, bem patentes no projeto, pressupõem uma visão de criança como cidadã, sujeito do seu próprio caminho e em diálogo com membros da sua comunidade. É assim que ela se pode libertar de visões menores a que a temos vindo a circunscrever – por um lado a criança como ingénuo, imatura, imperfeita, por outro a criança consumidora e fechada no seu egocentrismo limitador como se ela fosse o Centro do Mundo.

Porque é grande a diferença entre pensar-se o Centro do Mundo e ter possibilidade de habitar o Centro do Mundo! ■

REFERÊNCIAS

- Bezelga, I. (2017). O papel das artes na promoção do sucesso académico: O prazer de fazer acontecer! *Revista Portuguesa de Educação Artística*, 7, 72-81.
- Bruner, J. (1996). *Cultura da Educação*. Lisboa: Edições 70.
- Deleuze, G. & Guattari, F. (1995). *Mil Platôs*. v.1. Rio de Janeiro: Ed. 34 Letras.
- Folque, M. A., Leal-da-Costa, M. C. & Artur, A. (2016). A formação inicial e desenvolvimento profissional de educadores/professores monodocentes: os desafios do isomorfismo pedagógico. In C. H. Alves Correa, L. I. Pessoa Cavalcante & M. Freitas Bossoli (Org.). *Formação de Professores em perspectiva*. Universidade Federal do Amazonas. (pp. 177-236). Manaus: EDUA.
- Freire, P. (1993). *A importância do ato de ler: em três artigos que se complementam*. 28.ª ed. São Paulo: Cortez.
- Kastrup, V. (2005). Políticas cognitivas na formação do professor e o problema do devir-mestre. *Educação e Sociedade*, 26 (93), 1273-1288.
- Niza, S. (2009). Contextos Cooperativos e Aprendizagem Profissional: A Formação no Movimento da Escola Moderna. In J. Formosinho (Ed.), *Formação de Professores: Aprendizagem profissional e acção docente* (Vol. 32, pp. 345-362). Porto: Porto Editora.
- O'Neill, P. & Wilson, M. (2010). *Curating and the educational turn*. London and Amsterdam: Open Editions and de Appel.
- Peças, A. (2006). Sérgio Niza: A construção de uma democracia na acção educativa. *Educação – Temas e Problemas*, 1(1), 147-167.
- Rancière, J. (2005). *A Partilha do Sensível – Estética e Política*. São Paulo: Exo Experimental. catálogo2.